

A RELAÇÃO EDUCAÇÃO/CULTURA SEGUNDO A MEMÓRIA DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO: A HISTÓRIA ORAL COMO UMA NOVA ABORDAGEM DE PESQUISA*

*Sonia Aparecida Ignacio Silva***

RESUMO

Este artigo consiste numa reflexão sobre o uso da História Oral na pesquisa em educação. A autora parte de um questionamento sobre a atual situação da escola pública de 1º e 2º graus em São Paulo, para justificar o recurso da “volta ao passado” pela coleta de depoimentos orais, como possibilidade de se conhecer aspectos relevantes à compreensão e superação dos problemas educativo-culturais presentes. Visando explicitar sua abordagem da História Oral, relata o processo de investigação que redundou em sua tese de doutorado, as resoluções de base, o suporte teórico e os critérios metodológicos que nortearam sua pesquisa, indicando, por fim, alguns resultados gerais desse seu trabalho.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Por que a escola hoje, no Brasil, em especial a escola pública de primeiro e segundo graus, vem progressivamente deixando de ser um espaço significativo de produção do conhecimento e de difusão da cultura?

Eis uma questão que, de algum modo, tem incomodado a especialistas e mesmo não-especialistas em educação, nos últimos tempos: e que também está na base de reflexões e das proposições teóricas e práticas que, a partir das duas últimas décadas, têm servido de referência e orientação para os que militam no magistério em nosso país.

Especialmente no processo de formação de professores, hoje em dia, tal questionamento é de algum modo considerado. A preocupação com processos e

* Trabalho apresentado na 17ª Reunião Anual da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, em out./94, no GT “Filosofia da Educação”.

** Professora Assistente Doutor junto ao Departamento de Psicologia da Educação da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP-Campus de Araraquara.

conteúdos, a discussão sobre a significação social e política da ação educativa, a ênfase no caráter histórico da educação - só a título de exemplificação - são algumas formas de abordagem e de reflexão sobre a educação que, em nosso entender, têm como fundamento e base o seguinte dado de realidade: em décadas passadas, a educação escolar pública foi capaz de viabilizar uma efetiva relação entre os processos pedagógico e cultural, atendendo a intenções bem definidas e historicamente determinadas.

É certo que os tempos eram outros. Hoje, olhando o passado, torna-se possível entender um pouco melhor as transições, os avanços e os recuos da sociedade brasileira e o papel que a educação escolar desempenhou nessas diferentes etapas históricas. Sabemos, mais do que nunca, que a crise não é exclusiva do nosso tempo. Ao contrário, ela vem se reciclando no decurso da história brasileira. No momento atual, porém, ela se manifesta agravada pela não solução dos problemas estruturais de nossa sociedade, pelo subdesenvolvimento econômico crescente, pela falência das instituições político-administrativas, pela ausência da ética na política e nas relações sociais em geral, pela incapacidade de se estabelecer quais são as necessidades prioritárias que devem ser enfrentadas através de projetos que venham a ser viabilizados pelo conjunto da sociedade - Estado e Sociedade Civil.

Assim, estamos vivendo um tempo de crises e de necessidades fundamentais não resolvidas. Só que, tudo isso, convivendo com um outro tempo: o dos avanços tecnológicos dos meios de comunicação de massa. Nesse “novo tempo”, a “mídia”, o jornal e sobretudo a televisão colocam-se como os maiores “formadores de opinião”. Mas não só - são também os efetivos promotores e difusores de valores, conhecimentos, comportamentos, sentimentos e visões de mundo; são, atualmente, os maiores e mais diretos responsáveis pela “formação cultural” da grande maioria da população brasileira; e o que é mais problemático, de nossas crianças e jovens - especialmente no caso da televisão.

Enfim, tais meios de comunicação e avançadas tecnologias - o computador e outros aparelhos eletrônicos, a que boa parte da população começa a ter acesso em consequência não só do crescente consumismo mas da expansão do uso dessas novas tecnologias - acabam por invadir um território que antes era da competência da escola. E o que é pior: impondo o reinado do conhecimento tácito, não explicitado, porque as pessoas vão se tornando cada vez menos relacionais, fechando-se cada vez mais nos limites do contexto que abrange o seu eu e a máquina; acostumando-se progressivamente a trilhar uma “via de mão única”, em que o outro é desligável a qualquer momento; não se incomodando com as instigações e inquietações constantes, características dos seres humanos e das instituições sociais - como a Escola - que deles devem se ocupar.

Com isso, o questionamento, a crítica, o próprio conhecimento, enfim, vão deixando de ter sentido e função. Os tempos individuais e sociais vão se diluindo num mesmo e único tempo da indiferenciação e da impessoalidade em que tudo importa muito pouco; principalmente, deixam de importar o humano, as relações, as

prioridades coletivas. Enfim, instaura-se o reino do não-valor. Nesse contexto, qual o significado de conceitos e processos como os referentes à educação e à cultura? Como poderá a escola atual - principalmente a escola pública de 1º e 2º graus - enfrentar esse estado de coisas? O que fazer para detectar e dar respostas aos problemas aí engendrados? Haverá condição de se reverter, de algum modo, essa complexa situação? Será ainda possível manter uma perspectiva de questionamento e de reflexão crítica em nossas escolas?

Dessa preocupação com o atual estágio da educação escolar - e a partir do empenho que temos tido, nestas últimas décadas, em formar os profissionais da educação para o momento presente - surgiu como caminho indispensável das investigações que estamos fazendo até o momento atual, a retomada do passado. Temos, então, revisitado a formação dos professores que entrevistamos, buscando ativar a memória de suas experiências pedagógicas, como alunos e como mestres; instigando a reflexão sobre essas vivências; propondo que olhem, com os olhos do presente, as lembranças do passado.

A RELAÇÃO EDUCAÇÃO/CULTURA NUMA NOVA ABORDAGEM DE PESQUISA: A HISTÓRIA ORAL

O tema da relação Educação/Cultura sempre esteve no âmago de nossas preocupações e das reflexões que vimos operando no transcurso de nossa carreira acadêmica. Esteve presente, embrionariamente, em nossa dissertação de mestrado e numa formulação mais explícita, teve sua continuidade garantida na investigação que resultou na tese de doutoramento³ que originou este artigo. Mantém-se até hoje no projeto de pesquisa que estamos desenvolvendo para o triênio 94-96 na UNESP/Campus de Araraquara.

As resoluções básicas que têm norteado nossos estudos e investigações até o presente podem esclarecer melhor essa trajetória. Assim sendo, nesse momento de nosso percurso optamos por investigar o real, tal como ele é e se apresenta, tal como ele se constrói historicamente, privilegiando as manifestações da relação educação/cultura na realidade escolar brasileira contemporânea.

Para o cumprimento de tal meta decidimos conversar com pessoas/professores, ouvir sua narrativa, sua história pessoal e profissional, considerando essas suas memórias como matéria prima fundamental de nossa investigação.

Esse procedimento possibilita cotejar presente/passado, perceber e captar nexos de continuidade/descontinuidade entre formação e ação desses sujeitos, tal como se deram no passado e em sua relação com o presente.

3 Defendida em 1993, junto ao Programa de Estudos Pós-Graduação em Educação: História e Filosofia da Educação, PUC/SP, intitulada "EDUCAÇÃO/CULTURA NA MEMÓRIA DE PROFESSORIS DA EDUCAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA PÚBLICA PAULISTA (1930-1950)".

Entendemos que esse tipo de trabalho representa um empenho em preservar a memória histórica da educação escolar e de sua função cultural, numa outra perspectiva metodológica.

Creemos poder afirmar que essa abordagem diferenciada da história da educação escolar, evitando operar uma investigação a partir das agências institucionais, dos registros já formalizados, da história oficial da educação e da cultura - procurando "escovar a história da função cultural da educação escolar a contrapêlo"⁴ - representa um avanço inovador, à medida em que caracteriza os depoimentos orais dos educadores entrevistados como fonte primária, tomando sua história pessoal e profissional como quadro de referências a partir do qual se pode captar os modos de expressão da relação educação/cultura, o como esses sujeitos a percebem e sobre elas fazem suas reflexões.

Tal abordagem implica, obrigatoriamente, que se considere **o processo de constituição de fontes como correspondente e simultâneo à configuração progressiva do objeto**. Esse processo conjugado manifesta-se durante toda a investigação em seus momentos mais ricos, múltiplos e dinâmicos. A análise relacional que se pode fazer - entre os dados empíricos coletados e os elementos teóricos capazes de explicá-los - serve para aclarar progressivamente o próprio objeto, também em progressiva manifestação.

A pesquisa que fizemos por ocasião do doutoramento pode exemplificar o que vimos expondo até então, demonstrando a exeqüibilidade dessa abordagem metodológica que estamos mantendo no processo de investigação atual.

Explicitaremos, de início, os critérios de escolha dos sujeitos cuja experiência consistiu no objeto de nossas análises.

Uma das primeiras decisões foi a de trabalhar exclusivamente com professores da área de Ciências Humanas. Fizemos tal delimitação à medida em que ampliar a amostra para profissionais de outras áreas (de Exatas ou Biológicas, por exemplo), significaria ampliar também o conjunto de variáveis a considerar; isso não só dificultaria o processo de análise dos dados coletados, como demandaria maior tempo de investigação além do disponível. Não quisemos, no entanto, apenas trabalhar com profissionais da área específica de Educação (pedagogos), mas sim considerar esses profissionais como pertencentes ao conjunto mais amplo das Ciências Humanas. Dentre os sujeitos selecionados, apenas dois são graduados em Pedagogia; todos, porém, são pessoas que sempre tiveram forte nível de comprometimento com a educação e com o ensino.

Nossa intenção foi a de fazer pesquisa qualitativa e não quantitativa; assim, consideramos que deveríamos entrevistar de seis a oito sujeitos, no máximo. Pelo que entendemos, uma investigação de teor qualitativo implica necessariamente estudar as versões que os entrevistados fornecem acerca do objeto: ou ainda, as próprias ver-

4 Tomando por empréstimo não só a expressão, mas também o modo particular como Walter Benjamin propõe o trabalho do historiador

sões dos sujeitos foram, então, o objeto analisado. Esse princípio trouxe como consequência a consideração não só dos depoimentos em si, como também do próprio processo de reflexão do depoente sobre sua formação e prática profissional. Esse foi o tipo de trabalho que procuramos desenvolver sobre essa amostragem sistemática. É bom esclarecer que também pesou na delimitação da amostra a decisão de utilizar conjuntamente dois tipos de abordagem na entrevista: a história pessoal e a introdução temática. A utilização conjugada desses dois tipos de situações de coleta de dados implicou que tivéssemos com cada sujeito tantos encontros quantos fossem necessários para garantir a completude e significação dos depoimentos. Em vista disso, portanto, tornou-se praticamente impossível trabalhar com um total de sujeitos fora do limite aqui estabelecido.

Outro critério por nós assumido diz respeito à significativa experiência pessoal e profissional dos professores escolhidos como depoentes. Apesar de o fator idade não ter sido o critério mais determinante em tal escolha, um dos elementos fundamentais para essa seleção foi o próprio percurso de formação e de trabalho desses profissionais (que iniciaram sua prática docente no antigo Magistério Primário, ou então nos Cursos Ginásial e/ou Colegial). Outro fator também fundamental era que esses sujeitos estivessem terminando o seu ciclo profissional atuando na Universidade⁵. Escolhemos trabalhar com educadores, que tivessem garantido um arco mais amplo de atuação profissional - desde a docência no primário/secundário até a universidade - por pretendermos detectar a dinâmica progressiva da carreira do magistério no período circunscrito pelos próprios entrevistados, bem como a ação cultural que eles puderam exercer nos diferentes graus de ensino. Além disso, interessava-nos colher as reflexões desses sujeitos sobre seu processo de evolução profissional em seus aspectos mais relevantes.

Importava, ainda, que tais profissionais tivessem interesse em gravar o depoimento dessa sua trajetória de vida pessoal e profissional, como também que estivessem em plena condição de fazê-lo⁶.

Com essas decisões encaminhadas partimos para a escolha dos sujeitos com os quais trabalhamos. De início, conhecíamos dois professores que correspondiam aos critérios levantados. A partir daí, chegou-se à composição de uma amostra de seis sujeitos significativos, entrevistados em duas etapas. Numa primeira fase, de 19/09/91 a 13/11/91, colhemos os depoimentos orais dos seguintes sujeitos:

- Prof. Dr. Joel Martins, último Reitor eleito da PUC-SP, falecido em 03/05/93; professor-titular da Pós-Graduação em Educação da PUC-SP; professor-normalista,

5 Aposentados ou próximos à aposentadoria; em atividade docente e/ou de orientação de teses e dissertações; em atividades de pesquisa, planejamento, coordenação administrativa etc.

6 Decidimos não trabalhar com pessoas que tivessem sofrido alguma espécie de acidente cerebral ou outro tipo de doença que reconhecidamente pode lesar a faculdade da memória, dada a especificidade do nosso trabalho e a dificuldade em operar com tais variáveis.

normalista, graduado em Filosofia e Pedagogia, com pós-graduação na Área de Psicologia da Educação. Entrevistas realizadas em 19/09, 15/10 e 13/11/91.

- Prof. Dr. Teófilo de Queiroz Júnior, professor-titular aposentado do Departamento de Sociologia da F.F.L.C.H. da U.S.P., ainda em atividades de orientação na referida Universidade; professor-normalista, graduado em Direito, com pós-graduação em Sociologia. Entrevistas em 01/10, 11/10 e 18/10/91.

- Prof. Dr. Dante Tringale, professor-titular aposentado do Departamento de Literatura da UNESP/Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara; com graduação em Filosofia (Letras) e Direito na U.S.P. e Livre-Docência em Língua e Literatura Latina na UNESP/Araraquara. Entrevista realizada em 22/10/91.

Na segunda etapa de coleta dos depoimentos (de 01/04/92 a 02/05/92) entrevistamos duas professoras e mais um professor:

- Prof^a Dr^a Geraldina Porto Witter, atual professora-titular da Pós-Graduação em Psicologia Escolar da PUC de Campinas; professora Livre-Docente aposentada da U.S.P.; professora-normalista graduada em Psicologia e Pedagogia, com pós-graduação na área de Psicologia Escolar. Entrevistas realizadas em 01/04 e 15/04/92.

- Prof^a Dr^a Heleieth Iara Bongiovani Saffioti, atual pesquisadora do CNPq e outras instituições, professora-convidada da Pós-Graduação em Sociologia da PUC-SP; professora Livre-Docente aposentada da UNESP/F.C.L. Campus de Araraquara; professora-normalista, com graduação em Sociologia e Direito e pós-graduação em Sociologia. Entrevistas em 02/04, 11/04 e 02/05/92.

- Prof. Dr. José Sebastião Witter, atual professor-associado do Departamento de História da F.F.L.C.H./USP, diretor do C.A.P.H. (Centro de Apoio à Pesquisa em História) vinculado ao Departamento de História/USP, diretor do I.E.B. (Instituto de Estudos Brasileiros) e coordenador da C.C.S. (Coordenadoria de Comunicação Social) da U.S.P. por ocasião da entrevista; professor-normalista, com graduação em História e pós-graduação na área de História Social. Entrevista realizada em 06/04/92.

Em razão do suporte teórico que decidimos considerar e das condições concretas para análise da experiência real de formação/ação dos professores - e dentro desse processo, da relação Educação-Cultura aí manifesta - as leituras que fizemos sobre História Oral⁷, forneceram a ambientação metodológica que estávamos buscando.

Pelo que pudemos depreender das leituras feitas, o esforço de conceituar e delimitar a história oral não é trabalho fácil. Uma das dificuldades básicas está em que tal intento implica o envolvimento de várias categorias de diferentes discipli-

7 Incluímos nesta categoria bibliográfica, tanto obras de cunho mais teórico-conceitual, quanto textos que propõem orientações práticas para o uso da história oral enquanto técnica (em ordem alfabética): ALBERTI, Verena. História oral: a experiência do CPDOC; CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações; CORRÊA, Carlos Humberto P. História Oral: teoria e técnica; GINZBURG, Carlo. A micro-História e outros ensaios; NORA, Pierre et alli. Ensaio do Ego - História; SAMUEL, Raphael. "História local e história oral", Revista Brasileira de História; SILVA, José Luiz W. A deformação da história ou para não esquecer; THOMPSON, Paul. A voz do passado: História Oral; VILANOVA, Mercedes (org). El poder en la sociedad: historia y fuente oral.

nas das Ciências Humanas (como biografia, tradição oral, memória, linguagem falada, métodos qualitativos etc.). Outra dificuldade está em que a história oral surge tanto como método de investigação científica, como fonte de pesquisa, ou ainda como técnica de produção e tratamento de depoimentos gravados. Evitando entrar a fundo nesse terreno tão polêmico, vamos apenas indicar o tratamento que demos à história oral por ocasião do doutoramento e que continuamos a utilizar no atual processo de investigação.

Consideramos, com Alberti⁸, que a história oral vem se firmando (nos meios acadêmicos, a partir da segunda metade do séc. XX) como uma possibilidade bastante fértil de estudo dos acontecimentos e conjunturas sociais contemporâneos, em substituição aos processos quantitativos de investigação. Nessa medida ela representa, sem dúvida, um bom contraponto à história positivista, na proporção em que se toma a entrevista produzida como documento; mas, além disso, desloca-se o objeto documentado: não mais o passado tal como efetivamente ocorreu e sim a versão do entrevistado. Sendo assim, a entrevista de história oral - seu registro gravado e transcrito - não documenta nada além de uma versão do passado, o que indica o cuidado que se deve ter para não ampliar e generalizar tais posições indevidamente. De qualquer forma, essas experiências e versões particulares - ainda que consideradas em seus devidos limites - constituem uma fértil possibilidade de ampliar o conhecimento do passado e de compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu.

Segundo Paul Thompson⁹, as fontes orais podem, de fato, transmitir informação "fidedigna"; assim, tratá-las simplesmente "como um documento a mais", significa ignorar o valor extraordinário que possuem como testemunho subjetivo, falado. É evidente, no entanto, que os entrevistados reportam-se ao passado a partir das significações e valores do presente: a visão que hoje têm dos fatos ocorridos outrora; a memória das vivências passadas; o tom e a direção da própria narração de suas experiências anteriores, estão sendo mobilizados na atualidade de suas vidas e, portanto, são marcados por esse conjunto de circunstâncias. Daí - desse presente - se podem entender as referências nostálgicas, as valorizações extremadas ou mesmo as críticas acirradas às situações vividas no passado.

De todo modo, tais posições pessoais representam também a "percepção social" dos fatos: com a evidência oral chega até nós um significado social que merece ser avaliado¹⁰. Nesse sentido, a diversidade de posições e interpretações - sobre a atualidade, ou o passado - que os depoentes expressam, tende a enriquecer o conjunto de informações sociais sobre o qual devemos nos deter e analisar.

No caso específico do processo de investigação, aqui referido, os depoimentos orais dos sujeitos entrevistados (todos eles nascidos no estado de São Paulo

8 Cf. ALBERTI, Verena. op. cit., pp. 1-9.

9 Cf. THOMPSON, Paul. A voz do passado: História Oral, p. 138.

10 Cf. THOMPSON, Paul. op. cit., p. 145.

e variando entre 59 e 73 anos de idade na época da coleta dos depoimentos) deram-nos um certo contexto da educação em São Paulo, no período histórico correspondente à sua formação e ação como profissionais. Porém, evitamos generalizar a partir dessas posições individuais, ou mesmo compará-las entre si. Não foi fundamental, também, o grau de determinação desse grupo de pessoas em relação a um modelo de educação. Importou, isto sim, considerá-los como homens e mulheres reais, como trabalhadores da educação, que vivendo num tempo também real, tecem junto com suas vivências, experiências e reflexões possíveis, o processo educativo/cultural tal como ele pôde estar se dando, em nosso país, nas últimas décadas. Daí nosso profundo respeito a esses “mestres do cotidiano”, a suas opiniões, atitudes, posições, valores e visões de mundo, ainda que possamos discordar parcial ou amplamente do conteúdo de seus depoimentos. Mais do que tudo, para nós importou o processo de recuperação do vivido, conforme concebido e narrado por quem o viveu.

É necessário, no entanto, cuidar para que a história oral não seja fetichizada. Ela pode servir mais para determinados tipos de pesquisa, enquanto que para outros sua contribuição pode ser apenas marginal. No caso deste nosso trabalho, tornou-se possível, através do depoimento oral, o levantamento de situações e relações específicas, capazes de revelar muito mais sobre o contexto total e o ambiente cultural da educação escolar num dado momento. Nesse sentido, as lembranças do estudante e as lembranças de trabalho, indicam precisa e preciosamente contextualizações importantes, vistas, então, por uma outra ótica.

Sem dúvida, o depoimento oral também deve ser articulado e discutido em conjunto com outros níveis de experiência e documentação. Concordamos com Samuel¹¹ que a evidência oral deve deixar o pesquisador mais faminto por documentos (e não prescindindo deles), para indicar coisas que estejam além do alcance da memória, para superar possíveis equívocos, para enriquecer e informar seus questionamentos. O valor dos testemunhos depende também do que o pesquisador lhes traz: o relato vivo do passado deve ser tratado com elevado respeito e, justamente por isso, com crítica. Assim como o documento escrito tem seus vieses burocráticos e vazios irrecuperáveis, a memória tem sua própria seletividade e seus silêncios.

Em suma, em nosso processo de investigação desde o doutorado até o presente, estamos concebendo e utilizando a história oral enquanto técnica de gravação, produção e tratamento de depoimento oral coletado através de entrevistas.

A entrevista teve caráter semi-diretivo, cabendo à entrevistadora as intervenções de base: escolha do tema e do informante, apresentação preliminar, proposição de questões. O rumo do relato ficou a cargo dos informantes e as respostas limitaram-se ao que os entrevistados consideraram suficiente. Foram feitos contatos preliminares em que se procurou explicitar brevemente o teor da pesquisa e a

11 Cf. SAMUEL, Raphael. *op. cit.*, pp. 219-143.

finalidade da coleta dos depoimentos. Procuramos deixar claro que não haveria posições e respostas corretas/incorretas, mas que o objetivo era conhecer o trajeto e as concepções de cada entrevistado. Assegurou-se, com isso, a criação de uma atmosfera propícia à expressão de sentimentos, motivações e experiências durante as entrevistas, sendo que os próprios entrevistados estabeleceram o fio condutor e a direção de seus depoimentos. Nós, só fizemos acompanhar e indagar esse itinerário pessoal, procurando garantir com nossas intervenções que alguns aspectos fossem relevados, em vista do tema da investigação.

Após a gravação e transcrição dos depoimentos fizemos um trabalho de análise que nos possibilitou ressaltar os temas básicos. Essa leitura cultural dos depoimentos implicou num certo nível de intervenção, obrigando-nos a estabelecer vínculos, apontar coerências ou incoerências, buscar contextualizar o relato, apenas com o intuito de historicizar os dados coletados, mantendo, no entanto, a atitude de consideração e respeito pela experiência do entrevistado e seu relato.

Convém ainda esclarecer que tais depoimentos foram gravados com o consentimento dos sujeitos entrevistados que nos concederam também o direito de análise, uso e publicação desse material. Todos os depoentes concordaram com sua identificação, principalmente porque não só responderam a questões ou abordaram temas propostos, mas fizeram isso no contexto e a partir da narração de suas histórias pessoais e experiências profissionais.

Ao tomar esses depoimentos orais como fonte primária de investigação e respeitando-os em seu conteúdo e forma específicos, pudemos chegar à percepção do processo de formação dos depoentes, especialmente em sua passagem como alunos pela escola pública paulista, e de sua atuação profissional no ensino público primário e secundário em São Paulo. Para melhor compreensão desse itinerário profissional, baseamo-nos no relato das experiências cotidianas na escola pública, buscando contextualizá-las nos períodos históricos correspondentes (basicamente do final de 20 ao final de 50); tais análises evidenciaram elementos importantes e até hoje pouco enfatizados que marcaram a educação, a formação dos educadores e a prática pedagógica naquelas décadas.

Por fim, pudemos tecer um movimento de reflexão crítica e de contextualização histórica a partir da consideração dos elementos fundamentais dos depoimentos e das referências teórico-conceituais¹² que embasaram nossas análises e conclusões. Sendo assim, não só constatamos como se deu a relação educação/cultura no contexto da Escola Pública Paulista (de 1930 a 50), como também tivemos condição de mapear características e causas do atual estágio crítico do ensino público no país.

12 Especialmente no que concerne ao conceito de cultura, é bom esclarecer que consideramos como referência teórica básica as posições de Raymond Williams e Walter Benjamin sobre o assunto (obras básicas citadas na Bibliografia).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que a utilização dessa abordagem metodológica baseada na História Oral trouxe-nos resultados fortemente positivos. Através do olhar desses professores pudemos ter uma visão microscópica e particular do passado da educação escolar em São Paulo, mas que a mostrou integrada num projeto cultural bem estruturado e de significação sócio-política inquestionável.

Percebemos que a escola pública em que tais professores se formaram e começaram a lecionar era uma instituição que se organizou em resposta aos anseios específicos de determinada etapa histórica da sociedade brasileira. Desde o início da primeira metade deste século, tornou-se parte integrante de um projeto nacional de “reconstrução social”, ou ainda, do processo de “racionalização” da sociedade urbano-industrial, tendo como finalidade precípua a formação das futuras elites dirigentes do país.

No confronto com os extremos de um ensino de ótima ou de baixa qualidade, ministrado pela escola privada aqui em São Paulo naquela época, a escola pública foi tendo o seu espaço definido, preservado e ampliado por razões ideológicas e ações políticas, até tornar-se um foco decisivo de produção e difusão de um saber que se queria fosse de qualidade e democratizado.

Plena de contradições - entre o poder político-administrativo e a prática pedagógica; entre as orientações teóricas renovadoras e a prática concreta ainda fortemente conservadora; entre disposições legais e problemas reais, só para exemplificar - mas investindo no alcance de metas politicamente traçadas, a escola pública paulista - dos anos 30 ao final da década de 50 - foi-se constituindo progressivamente como um centro de produção e difusão de uma cultura que “formou expressivos quadros” para a educação e outros setores da sociedade brasileira.

Nessas décadas passadas, portanto, tal escola não se organizou enquanto um “desvio cultural”¹³, como boa parte das “visões críticas” da educação escolar brasileira costumou convencionar. Bem ao contrário, a escola pública paulista surgiu e desenvolveu-se a partir de um projeto sócio-político e ideológico bem configurado, integrou-se a esses mesmos propósitos e desempenhou satisfatoriamente as tarefas e funções culturais que a sociedade lhe atribuiu.

Se “cultura é socialização, sem que se possa dissociar o processo de formação individual (aquisição de poderes, saberes, comportamentos, ideais) e o movimento de socialização”¹⁴, a educação levada a efeito na escola pública paulista, pelo menos nesses anos que estudamos, foi profunda e amplamente “cultural”.

13 Contraditando, por exemplo, a interpretação de Bernard CHARLOT - em sua obra *A mistificação pedagógica* - de que a escola muito frequentemente se coloca enquanto “meio educativo fechado ao social” que, ao invés de integrar, acaba por afastar o educando da sociedade para melhor prepará-lo para uma posterior vivência social.

14 CHARLOT, Bernard, op. cit., p. 273.

Entendemos que, malgrado as características elitistas que se pode perceber nas disposições legais vigentes na época, no tratamento dado ao conteúdo ou até mesmo na preocupação manifesta com a “postura” dos educandos, houve um forte vínculo entre escola e sociedade. Pelo menos no sentido de que, até a década de 50, a escola pública manteve a hegemonia da formação educativo-cultural de crianças e jovens provenientes não só das elites, mas também de outros estratos da sociedade brasileira.

A estas e muitas outras conclusões sobre o ensino público em São Paulo, dos anos 30 aos anos 50, pudemos chegar utilizando essa nova abordagem baseada na História Oral. Sem dúvida, trata-se de um caminho não muito frequentemente trilhado pelos pesquisadores da educação brasileira. Este caso vem mostrar, porém, que essa trilha é viável e exequível, que inova e pode fazer avançar o contexto da pesquisa educacional. Além disso, deve ser entendida, também, como uma possibilidade bastante fértil e agradável de reconstruirmos nossa própria história num esforço conjunto que, entrelaçando presente/passado/futuro, mostra-nos que o da memória, do resgate da experiência e da reflexão sobre tudo isso, não é um jogo solitário, mas sempre coletivo. Somos todos caminheiros de um mesmo caminho e herdeiros/transmissores de uma mesma herança.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERTI, Verena. *História Oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas, 1990.
- BENJAMIM, Walter. *W.B.: Sociologia*. Org. Flávio Kothe. São Paulo: Ática, 1985.
- _____. *Documentos de cultura e documentos de barbárie* (Escritos Escolhidos). Sel. e apres. Willi Bolle. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1986.
- _____. *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- _____. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984.
- _____. *Obras escolhidas*. Vol. I, II e III. São Paulo: Brasiliense, 1987/1989.
- _____. *Diário de Moscou*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CHARLOT, Bernard. *A mistificação pedagógica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CORRÊA, Carlos Humberto P. *História Oral: teoria e técnica*. Florianópolis: UFSC, 1978.
- GINZBURG, Carlo. *A Micro-História e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1991.
- NORA, Pierre et alii. *Ensaio de Ego-História*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- QUEIROZ, Maria Isaura P. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: CERU/FFLCH-USP, 1983.
- SAMUEL, Raphael. *História popular y teoria socialista*. Barcelona: Grijalbo/Crítica, 1984.
- _____. *História local e história oral*. REVISTA Brasileira de História, São Paulo: ANPUH/Marco Zero, (19). 1989/1990.
- SILVA, José Luiz Werneck. *A deformação da história ou para não esquecer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

SILVA, Sonia A.I. Educação/Cultura na memória de profissionais da educação: reflexões sobre experiências na Escola Pública (1930-1950). Tese de Doutorado, PUC-SP, 1993 (mimeo).

THOMPSON, Paul. A voz do passado: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VILANOVA, Mercedes (org). El poder en la sociedad: historia y fuente oral. Barcelona: Antoni Bosch, 1986.

WILLIAMS, Raymond. Cultura e sociedade. São Paulo: Nacional, 1969.

_____. Marxismo e literatura. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. O campo e a cidade: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ABSTRACT

This article consists in a reflection about the use of Verbal History concerning the education research. The author starts from some questioning about the nowadays situation of the public school of first and second grades, in the city of São Paulo, in order to justify the appeal of “return to the past” by means of collecting verbal statements, as a possibility to know significant aspects to understand and overcome the present educational-cultural problems. Aiming at making clear her approach to the Verbal History, it reports the investigation process that resulted in her the doctorate thesis, the basic resolutions, the theoretical support and the methodological criteria that guided her research, indicating, at last, some general results of her work.